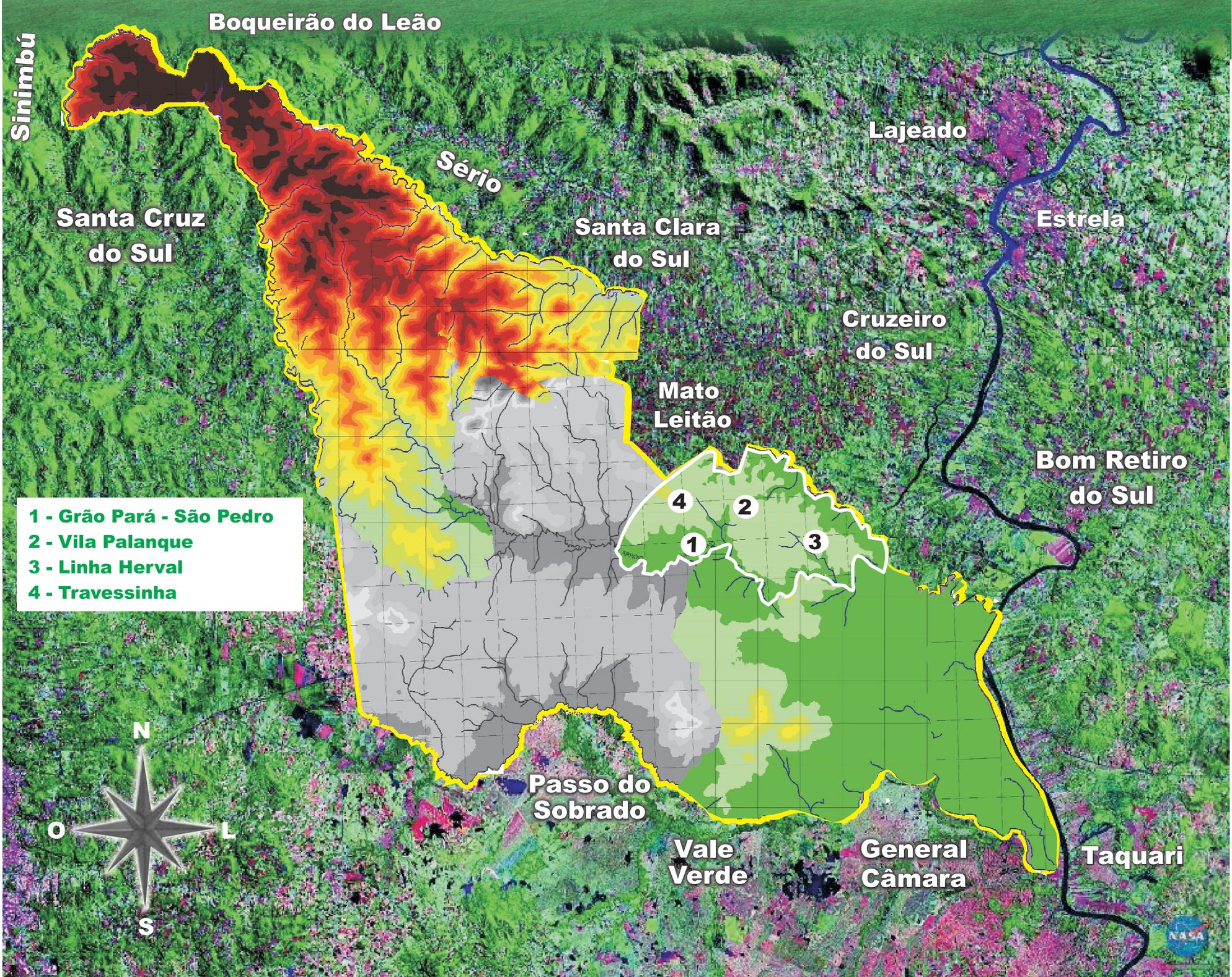


SEXTO DISTRITO

O pé de erva-mate que virou um Palanque



- 1 - Grão Pará - São Pedro
- 2 - Vila Palanque
- 3 - Linha Herval
- 4 - Travessinha

ESTE PROJETO TEM O APOIO DO GRUPO CTA-CONTINENTAL.



A região do barro vermelho

Quase todas as localidades do 6º distrito de Venâncio Aires tem uma característica em comum: a terra avermelhada, fértil e de fácil manejo, que foi prodigiosa desde a chegada dos primeiros colonizadores luso-aborígenes, que aportaram nas margens do rio Taquari e dos arroios Castelhana e Sampaio e encontraram muitas riquezas naturais, especialmente madeira de lei, como angico, cedro e guajuvira.

Infelizmente, muitos ladrilhos dessa história foram perdidos com o passar dos anos. Desde a chegada dos primeiros casais del rey, responsáveis pelo movimento migratório promovido pela Coroa Portuguesa, a região do barro vermelho passou por profundas transformações.

Oriundos da ilha dos Açores e da Madeira, em Portugal, esses casais povoaram inicialmente o litoral baiano, dando origem ao município de Ilhéus. Outros vieram diretamente do arquipélago e seguiram para o Sul do Brasil, instalando-se nas margens dos rios, entre os quais o rio Guaíba, onde formaram o Porto dos Casais (atual Porto Alegre), Viamão e Taquari, entre outras cidades, especialmente na região Sul e Oeste do Rio Grande do Sul.

POVOAMENTO

Em Venâncio Aires a chegada dos casais del rey deu-se entre 1750 e 1800. Estes casais eram compostos, preferencialmente, por homens com experiência militar, como o coronel Francisco Xavier do Amaral Sarmento Menna. Foi ele, juntamente com Rosália Brígida de Carvalho, que deu origem à Data do Amaral, grande porção de terras, distante aproximadamente 15 km a Nordeste da cidade de Venâncio Aires, que viria a dar origem à Vila Palanque. Não há data precisa da chegada da família Amaral; já o povoamento da região deu-se a partir de 1835, com os imigrantes açorianos e, em 1895, com a criação da colônia de imigrantes alemães.

As localidades do sexto distrito guardam uma característica bem peculiar: a miscigenação entre três das quatro etnias que formaram o biotipo predominante da população local. Ao longo de mais de dois séculos de evolução, índios, portugueses e alemães misturaram o sangue. Também houve, em algum momento da história, a presença espanhola, provavelmente antes da chegada dos portugueses. Sinais da presença castelhana aparecem ainda hoje no modo de falar da população local, especialmente os mais velhos.

Apesar da evolução étnica misturada, a população conservou as diferenças econômicas. Ao longo do processo evolutivo da localidade, índios e ilhéus foram renegados, em função dos seus costumes. Essa discriminação, apesar de estar reduzida, ainda está presente nas relações inter-pessoais entre os moradores mais abastados e os mais pobres.

LOCALIDADES

O sexto distrito é formado por Vila Palanque, Linha Herval, Linha Travessa Baixa (ou Travessinha) e por parte de Linha Grão Pará (comunidade São Pedro). Vila Palanque é subdividida nos povoados de Linha Datas, Picada Schuh, Linha São Salvador e Vila Maia. Linha Herval tem a comunidade Santa Luzia, a Comunidade São João, Linha Areal e a Vila Caneca.

Cada um desses povoados tem uma história em particular. O trabalho que ora apresentamos tem o objetivo de destacar os pontos mais importantes, curiosidades e particularidades de cada uma dessas localidades, sob o ponto de vista de suas origens, evolução econômica, cultura, religião e educação.

EDUCAÇÃO

Em Palanque e Herval formaram-se os maiores e mais destacados povoados do sexto distrito. É justamente nestas localidades que estão as maiores escolas. Foi em torno delas ou em função delas que as comunidades se desenvolveram. Ao mesmo tempo, outras localidades sem escola ou onde a escola foi desativada, passaram a experimentar um processo de decadência econômica, social e cultural que parece irreversível. O fechamento das escolas, a partir de meados da década de 1990, é uma das conseqüências do êxodo rural, que começou a atingir a população do barro vermelho a partir da década de 1970 e pode representar o desaparecimento de pequenos povoados num futuro próximo, já que o fechamento das escolas se apresenta como a melhor alternativa do governo para enfrentar o êxodo e a crise econômica que assola o Estado gaúcho. Confira no quadro a relação das escolas do 6º distrito, incluindo a EE Reynaldo Hugo Döring, que foi desativada pelo governo do Estado em fevereiro de 2008.

ECONOMIA

Já o êxodo, por sua vez, é conseqüência da decadência econômica da agricultura, devido à desvalorização da produção agrícola e do trabalho do pequeno proprietário de terras. De 1835 para cá, muitas gerações se passaram e, os latifúndios dos casais del rey foram se dividindo e hoje representam pequena parcela de terra para cada proprietário. É crescente o número



Imagem de satélite mostra a rótula de acesso a Vila Palanque, a partir da RSC-453 e a copa dos pés de erva-mate, principal produto agrícola da região do barro vermelho

de agregados e meeiros.

Outro fator decisivo foi a construção das rodovias asfaltadas RST-453 e RST-287. A primeira desviou o movimento da estrada que liga Venâncio Aires a Cruzeiro do Sul e Lajeado, passando pelo centro de Vila Palanque e Linha Herval. A segunda desviou o movimento do porto de Mariante, que passava pela Estância São José e Herval e seguia até as colônias de Palanque, Grão Pará, Santa Emília e Mato Leitão.

Foi este movimento que fez surgir destacadas casas comerciais, como a de Miguel Macedo de Campos, Ricardo Reckziegel e Reynaldo Hugo Döring, três dos mais importantes personagens do desenvolvimento econômico, religioso, social e cultural da região do barro vermelho. Também merece destaque a participação da família Scherer na política, especialmente com Alfredo Scherer, quatro vezes prefeito de Venâncio Aires.

A agricultura sempre foi a base da economia da região. Inicialmente com a extração de madeira de lei e da erva-mate nativa. A região do barro vermelho é que oferece melhores condições para o desenvolvimento da erva-mate, herança indígena, que acabou se transformando no símbolo máximo de Venâncio Aires, capital nacional do chimarrão.

Embora todo o know how adquirido ao longo de mais de dois séculos e de sua importância histórica, a cultura da erva-mate passa por um período de dificuldade em Venâncio Aires, com a redução na produção de mudas, redução da área plantada e do fechamento de ervateiras.

Além da erva-mate, o fumo, o milho e o aipim são as principais fontes de renda, assim como a produção de leite. O relevo favorece o cultivo mecanizado, embora a velha carroça, que nos últimos anos ganhou roda de automóvel, permaneça como o principal veículo de transporte no meio da roça.

Vila Palanque possui acesso asfaltado até a RSC-453, o que facilita o escoamento da produção. A conservação do trecho asfaltado é de responsabilidade do Daer, pois a estrada é estadual. As demais estradas são conservadas pela prefeitura municipal, através da capatazia do 6º distrito.

ROTINA

A grande maioria dos moradores é composta por pessoas de bem, gente laboriosa que tem o hábito de levantar ao clarear do dia. Os que trabalham na roça iniciam sua rotina tomando um chimarrão, depois seguem para o galpão para tratar os animais e tirar leite; voltam para dentro de casa, tomam café e seguem para a lavoura. Um membro da família fica em casa para efetuar a limpeza e preparar o almoço. Os que foram para a roça retornam ao meio-dia para almoçar e repetem a rotina na parte da tarde. Muitas pessoas almoçam fora de casa, principalmente quem trabalha na cidade, como os safrististas das fábricas de fumo. Eles seguem para o trabalho de ônibus ou condução própria. Depois de cumprirem sua jornada, retornam para casa, efetuam a higiene do corpo, tomam seu chimarrão, jantam, olham TV e vão dormir. Quem vive da roça, ao entardecer, tem o compromisso de tratar os animais e tirar leite antes de entrar em casa.

Aos finais de semana, a população tem por hábito ficar em casa. Muitos passeiam em casa de parentes, amigos ou vizinhos. Bailes, festas comunitárias, jogos de futebol e encontro de sociedades estão entre as atividades de lazer preferidas.

Confira no quadro mais dados gerais do 6º Distrito de Venâncio Aires.

ESCOLAS

EE Frida Reckziegel, de Vila Palanque
EE Miguel Macedo de Campos, de Linha Herval
EE Reynaldo Hugo Döring, de Grão Pará/São Pedro
EM General Osório, da Linha Travessa Baixa



Desativada em 2003, Escola Municipal Gonçalves Dias está abandonada



Tarro de leite à beira da estrada aguardando pelo caminhão de coleta



Relevo favorece o cultivo mecanizado

DADOS GERAIS

Sede: Vila Palanque
Distância da cidade: 17 km
Principal via de acesso: RSC-453 até a rótula de Linha Travessa, seguindo à direita pelo acesso asfáltico.
Limites distritais: Santa Emília (Oeste), Sede e Estância Nova (Sul e Leste).
Limites municipais: Mato Leitão e Cruzeiro do Sul (Norte)
Relevo: várzeas dos arroios Castelhana e Grande; colinas e pequenas elevações (cerros)
Clima: sub-tropical
População: 3.578 hab (*)
Área urbana: 412
Área rural: 3.166
(*) Dados do Censo/2007

COLABORARAM NESTE SUPLEMENTO

As informações contidas neste suplemento foram coletadas entre os meses de agosto de 2007 e março de 2008, através de pesquisa de campo junto às escolas, pessoas idosas e lideranças das comunidades.

Foram utilizados dados de pesquisa realizada em 1999 pela Secretaria Municipal de Educação;

Também foram utilizadas informações da pesquisa histórica realizada em 2007 pela Secretaria Municipal de Planejamento e coordenada pela professora Maria Elisabeth Dietrich

Supervisão dos textos pela historiadora Angelita da Rosa

Os créditos referentes aos livros pesquisados, páginas da internet visitadas e a identificação dos colaboradores aparecem nas respectivas páginas.

D. Pedro de Alcântara, o príncipe de Grão Pará

Linha Grão Pará ocupa uma extensa área territorial, que inicia na divisa com as localidades de Linha Olavo Bilac e 17 de Junho e se estende pela margem do arroio Castelhanos, até Vila Palanque e Linha São Salvador. A construção da rodovia RST-453, na década de 1970, dividiu a localidade em duas comunidades bem distintas, que hoje pertencem a distritos diferentes.

Nesta edição, apresentaremos a história da Comunidade São Pedro, pertencente ao distrito de Palanque. A outra comunidade se chama São Judas Tadeu e pertence ao distrito de Santa Emília. Ambas tiveram origem e história semelhantes até a década de 1940, quando foi construído o aterro através da várzea do Castelhanos.

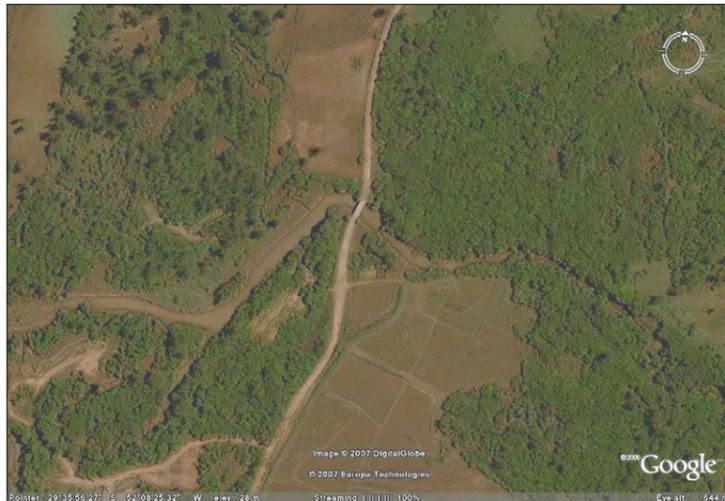


Imagem de satélite destaca a paisagem da várzea do Castelhanos junto à ponte do Passo Cananéia

ORIGEM

Em 1885, o príncipe herdeiro do trono imperial brasileiro, D. Pedro de Alcântara, visitou Rio Pardo. Ao saber da notícia da visita real, um grupo de cavaleiros da localidade então chamada Linha Campeste, marchou até Rio Pardo, na intenção de conhecer pessoalmente o futuro imperador, filho da princesa Isabel e do marechal Gastão de Orleans, o Conde D'Eu.

Na chegada a Rio Pardo, na época o principal núcleo urbano do interior do Rio Grande do Sul, os cavaleiros participaram da recepção ao príncipe que, em retribuição, autorizou que o acontecimento entrasse para a história, denominando a antiga Campeste em Linha Grão Pará, numa referência ao título honorífico do jovem Pedro de Alcântara, também conhecido como príncipe de Grão Pará.

Em consequência dos acontecimentos que mudaram os rumos políticos do Brasil, a partir de 1889, com a proclamação da república, fatos históricos relacionados à época do império caíram no esquecimento e acabaram aumentando a quantidade de ladrilhos perdidos da história de Venâncio Aires.

COLÔNIA

Foi por volta de 1885 também, a localidade começou a ser povoada por colonos descendentes de imigrantes alemães ou mesmo imigrantes vindos diretamente da Europa. Até então a região era ocupada por luso-açorianos, descendentes das famílias Fagundes, Cananéia, Costa e Rosa.

Os primeiros imigrantes germânicos foram os de sobrenome Simon, Barden, Schossler, Becker, Kroth, Sehnen, Diehl, Leismann, Winkelmann, Schonarth, Theisen, Frey e Schuh.

No início da colonização tudo era precário: não havia comércio nem meios de transporte. O principal acesso até a cidade era pela antiga estrada do Passo Cananéia, usada até hoje, porém com muito pouco movimento depois da construção da RST-453, atualmente o principal acesso à localidade.

Apesar das dificuldades iniciais, a comunidade se desenvolveu bem. Em 1918 já contava com 430 pessoas. Na década de 1930, João Leismann levava gratuitamente em seu caminhão aqueles que queriam ir até a cidade. A viagem era realizada uma vez por mês. A medicina também era muito precária; o serviço de parteira era fundamental para salvar a vida dos recém nascidos e das mães. A primeira parteira da localidade foi Guilhermina Dhiehl.

EDUCAÇÃO

Assim como na maioria das localidades do interior, as primeiras escolas de Grão Pará-São Pedro funcionaram em casas particulares. Havia duas escolas, uma atendida pela professora Inácia Pádua Campos e outra por Eugênio Schlosser, que ensinava na língua alemã.

Em 1950 a comunidade se organizou com o objetivo de conquistar uma escola pública. Desta união surgiu a Escola Rural de Grão Pará, que iniciou suas atividades no dia 10 de março de 1952, com 75 alunos no 1º ano, sob responsabilidade dos professores Ivan Jones de Bôer e Ana Luiza Ferreira, filha adotiva do casal Reynaldo e Vitória Döring.

A partir de 31 de outubro de 1979 a escola passou a ser denominada Escola Estadual Reynaldo Hugo Döring, em homenagem ao doador de uma área de quatro hectares para a antiga escola rural. Em fevereiro de 2008 a escola foi desativada pelo governo do Estado. Em 2007 a escola contava com 22 alunos, orientados pela professora Isabel Cristina Wilmann.

ECONOMIA

Desde à época do povoamento, a agricultura é a principal fonte de renda das famílias. Nos dias atuais, o milho, a soja, o fumo, o arroz e a criação de gado leiteiro são predominantes. Os moradores também conservam o hábito de ter uma horta e pomar perto de casa. As terras férteis das várzeas do Castelhanos favorecem a produção de hortigranjeiros, que são vendidos na cidade e ajudam a melhorar a renda familiar. O relevo plano e de terras baixas favorece o trabalho mecanizado, mas a velha carroça de boi, que agora usa rodas de automóvel, ainda é bastante utilizada.

Uma das casas comerciais mais tradicionais da localidade pertenceu a Pedro Rohde, mais tarde adquirida



Todas as manhãs, caminhão recolhe as latas de leite, colocadas às margens da estrada

por Reynaldo Hugo Döring, que a transformou em centro comercial de compra de produtos da colônia e venda de manufaturados. Também tinha granja de suínos e secador de grãos.

Anexo à Comercial Döring havia salão de baile, cancha de bolão e cancha de carreira de cavalo. Os bailes aconteciam em salões diferentes, dependendo da disponibilidade do proprietário. O primeiro era de Reynaldo Döring, o segundo de João Leismann e o terceiro de Armindo Kappau. Nenhum desses salões existe mais. Atualmente, todas as atividades sociais e esportivas são realizadas na sede da Sociedade São Pedro.

Ao longo de sua história, a localidade também se destacou na produção de telhas e tijolos, através da olaria de Urbano Diehl, construída em 1925 e desativada na década de 1990, assim como a casa comercial Döring.

A partir da década de 1970, a localidade foi fortemente afetada pelo êxodo rural. Em 1992 a popu-



Campo de futebol da Associação Esportiva São Pedro (Assespe)



Sede da Comunidade São Pedro, ao lado da EE Reynaldo Hugo Döring



Última turma da EE Reynaldo Döring, desativada em fevereiro de 2008



Carroça de boi ainda é muito utilizada nas lides da lavoura

lação somava 350 pessoas, menos do que em 1918. O êxodo também teve consequências na educação, com a desativação da única escola da localidade.

RELIGIÃO

Atualmente, a localidade conta com 94 famílias, sendo 78 sócios da comunidade São Pedro. Inicialmente, as missas e encontros religiosos eram realizados na escola. A primeira sede da Comunidade Católica São Pedro foi inaugurada em 10 de março de

1979. Além das atividades religiosas, o pavilhão também abriga a Sociedade de Damas Sempre Unidas e a Associação Esportiva São Pedro (Assespe), fundada em 30 de maio de 1987, a partir da união dos dois times de futebol da localidade: o Esporte Clube Caramuru e o Esporte Clube Avenida, que deram origem ao Sociedade São Pedro.

A imagem do padroeiro foi doada por Maria Florentina Barden, em ação de graças pela cura de uma grave doença de sua neta, Márcia Hinterholz.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

O presente trabalho foi realizado a partir de informações coletadas pelas ex-professoras da EE Reynaldo Hugo Döring, Márcia Hinterholz Hickmann, Maria Cristina Hinterholz, que realizaram pesquisa histórica nos anos de 1992 e 2005. Também colaboraram a ex-professora Vanda Barden e Cláudio Weschenfelder, morador da localidade.

Tem ilhéus na Bahia e em Linha Herval

Linha Herval localiza-se no extremo Nordeste de Venâncio Aires, a 17 quilômetros do centro da cidade, junto à divisa com o município de Cruzeiro do Sul. A principal via de acesso, a partir da cidade, passa pela RSC-453 até o trevo de Linha Travessa, seguindo pelo acesso a Palanque até o local. Limita-se, ao Sul, com o arroio Castelhanos; ao Leste com o município de Cruzeiro do Sul (Linha Sítio, Lagoa e São Miguel); ao Oeste com Vila Palanque e, ao Norte, com Boa Esperança, no município de Cruzeiro do Sul, onde o limite é o arroio Grande. Fazem parte de Linha Herval outros pequenos povoados, como a comunidade São João do Herval (Milhã), Areal, a Vila Caneca e uma parte de Linha São Salvador.

O povoamento se deu mais ou menos no mesmo período do povoamento de Palanque.

O morador mais antigo que se tem notícia e também um dos maiores proprietários de terras foi Rolino Macedo de Campos. Estima-se que ele tenha adquirido terras dos descendentes dos "casais de lei", por volta de 1850. Atraídos pelas terras ricas em madeira de lei, os primeiros colonizadores avançaram pelas margens do rio Taquari e dos arroios Castelhanos, Sampaio e Grande, onde encontraram índios que dominavam o cultivo da erva-mate. Linha Herval teria recebido esse nome por possuir grande quantidade da planta. No entanto, por razões desconhecidas, o nome da localidade ganhou um "H". Uma das explicações é que, antigamente, a palavra "erva" era grafada com "h".

Rolino Macedo de Campos construiu um sobrado às margens do arroio Castelhanos, próximo à ponte que, atualmente, liga as localidades de Herval e Cerrito. Quando faleceu, por volta do ano 1885, suas terras foram divididas entre os herdeiros e, com isso, acelerou-se o povoamento da localidade.

Um dos filhos de Rolino, Miguel Macedo de Campos, se instalou próximo ao arroio Carijo, um dos afluentes do Castelhanos, onde montou uma casa comercial. Na época, sua família era uma das mais ricas: possuía grande extensão de terras, engenho de serra, fábrica de erva-mate, moinho, casa de comércio e matadouro, entre outras atividades.

A família Macedo de Campos influenciou grandemente o desenvolvimento da localidade, tanto no aspecto econômico, como na educação e na religião. Miguel doou terrenos para a construção da primeira escola e da primeira capela católica.

Além da família Macedo, constam entre as mais antigas famílias de Linha Herval: Fagundes, Pereira, Ribeiro, Campos, Oliveira, Lord, Vargas, Santos e Lisboa, todos de origem lusa, oriundos da Bahia ou diretamente das ilhas dos Açores e da Madeira, em Portugal.

Os germânicos chegaram a partir de 1900, oriundos das colônias de Mariante, Palanque e Mato Leitão e de municípios vizinhos onde a imigração já havia iniciado. Entre os mais antigos descendentes de alemães estão as famílias Dresch, Schmidt, Stöhr, Mees, Sackser, Olweiler, Dahm, Seidel, Emmel, Kremmer e Fett.

Embora sem comprovação científica, estima-se que os índios que habitavam esta região, antes da chegada dos portugueses, já tinham domínio da língua espanhola, adquirida através da convivência com padres jesuítas.

Sinais desta convivência ainda podem ser observados na maneira de falar dos moradores mais antigos e seria uma das explicações para a origem do nome do arroio Castelhanos.

Arnildo de Mello (68 anos) e sua esposa Nilsa (66 anos) são descendentes de índios bugres, derivados da tribo Kaingangue. O bisavô de Arnildo casou-se com uma bugra retirada da selva. A tataravó de Nilsa também era bugra. A família atualmente está plenamente integrada aos costumes da comunidade, mas lamenta o fato de a história de seus antepassados ter-se perdido com o passar dos anos. São ladrilhos históricos que dificilmente serão encontrados, porque não existem mais grupos indígenas em Venâncio Aires.

RELIGIÃO

Por volta de 1920, a esposa de Miguel Macedo de Campos mandou construir uma pequena capela de madeira, próximo da sua residência, em honra à Santa Luzia, como pagamento de uma promessa por uma graça alcançada. Nessa capela eram rezados terços e, inclusive, serviu como escola.

Na década de 1950 a capela foi reconstruída, após uma grande campanha para arrecadar fundos. Em 1958 foi inaugurado o novo prédio, existente até hoje. A partir de 1968, por iniciativa do pároco João Alberto Hickmann, a comunidade Santa Luzia passou a registrar em ata os principais acontecimentos de sua história. Por volta de 1970, foi construído o cemitério, em terreno nos fundos da capela.

O primeiro pavilhão para realização de festas da comunidade foi construído por volta de 1975. Antes, as festas eram realizadas no armazém de erva-mate de Miguel Macedo de Campos, ou ao ar livre nas proximidades do arroio Carijo, onde aconteciam também os casamentos. O pavilhão foi utilizado até a construção do ginásio de esportes, inaugurado em 1985 e administrado pela Sociedade Beneficente e Cultural Santa Luzia.

Em 1989 foi construída uma sala comunitária, ao lado da igreja, para a catequese, reuniões da comunidade e necrotério.

A Comunidade Evangélica foi criada em 1964. Até então, as famílias de confissão luterana reuniam-se no salão de David Dahm. No ano seguinte foi inaugurada a igreja e logo após o cemitério, em terreno ao lado. Junto à igreja também existe um salão comunitário.

EDUCAÇÃO

Uma das primeiras escolas funcionou na casa de João Soares Vargas. Outra escola funcionou na capela Santa Luzia até 1946, quando foi criada a Escola Municipal Tiradentes. Em 1960, a administração desta escola passou para o controle do Estado, sob a denominação de Escola Rural do Herval. Em 1966 foi denominada Grupo Escolar Rural Miguel Macedo de Campos, em homenagem ao doador das terras. As primeiras professoras foram Vanda B. de Campos e Leci Bilhar de Campos.

Atualmente, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Miguel Macedo de Campos é o único educandário da localidade e recebe estudantes das outras comunidades próximas. Conta com 78 alunos, do pré ao 5º ano, orientados por três professores e uma funcionária, sob coordena-

ção da diretora Dirce dos Santos Fagundes. Nos últimos anos, o trânsito de alunos é muito grande, em função da presença de agricultores meeiros, arrendatários ou agregados, que mudam-se para outras localidades. Ao longo de 2007, a escola chegou a matricular 110 alunos, dos quais 30% estavam em trânsito.

A exemplo de outras escolas do interior de Venâncio Aires, em Linha Herval sobram vagas nas salas de aula, resultado do êxodo rural que atinge a localidade desde a década de 1970. A Escola Miguel Macedo de Campos possui infra-estrutura para atender 150 alunos nos dois turnos do dia. Ela também tem a difícil tarefa de manter viva as raízes culturais e a identidade dos alunos e moradores com a localidade onde estão inseridos. Neste sentido, no dia 09 de outubro de 2007 a escola reuniu os alunos com um grupo de moradores mais antigos, para uma tarde de contos. As histórias contadas naquela tarde ajudaram a compor esta reportagem.

SOCIEDADES

O futebol de campo já foi um dos esportes preferidos. Na localidade existiram três agremiações esportivas. O mais antigo era o Esporte Clube Hervalense, fundado em 1940 e administrado pela Sociedade de Cavalheiros de mesmo nome. Em 19 de fevereiro de 1962 foi fundada a Sociedade de Damas Primavera.

Os primeiros salões de baile foram o Salão do Maneco, na década de 1930, próximo do arroio Carijo e o salão de David Dahm, próximo do Areal. Ambos não existem mais.

Atualmente, além da Sociedade de Damas Primavera, Linha Herval conta também com a Sociedade de Damas Renascer, fundada em 18 de agosto de 1991; o Clube de Mães Integração, fundado em 08 de outubro de 1996 e Sociedade de Damas e Cavaleiros Raio de Sol, fundada em 08 de setembro de 1999. Também funcionam na comunidade o Clube de Mães Ouro Verde, o Clube da Terceira Idade e a Sociedade da Rede Hídrica.

Atualmente, o principal ponto de encontro das atividades sociais e esportivas é o ginásio de esportes Santa Luzia.

ECONOMIA

Desde o tempo dos índios, a erva-mate predomina na paisagem de Linha Herval. Inicialmente, na forma de planta nativa, depois cultivada, em consórcio com outras culturas, como o milho, o aipim e, nos últimos 30 anos, o fumo de estufa. A agricultura movimentou a indústria e o comércio, assim como a extração de madeira de lei, que seguia em carroças puxadas por até três juntas de bois, para embarque no porto de Mariante. A localidade já teve três moinhos coloniais, cinco atafonas, dois alambiques, dois açougues e três campos de futebol, além da grande casa comercial de Miguel Macedo de Campos, que na década de 1960 já possuía comunicação telefônica, ligada a rede de Estância Mariante. Um aparelho do mesmo tipo é guardado como relíquia na casa de Gastão Delavald.

Os moinhos eram tocados com roda d'água, por isso localizavam-se junto ao arroio Carijo. O arroio nasce em Palanque e segue paralelo à estrada principal do Herval até encontrar-se com o Castelhanos. O nome é uma refe-



Carroça com três juntas de bois carregava toras até o rio Taquari



Casal Nildo e Loraci Pereira, descendentes de ilhéus açorianos



Vista atual da casa construída por Miguel Macedo de Campos, atual casa comercial de Luci Emmel



Luci Emmel e a filha Rose administram a casa comercial

rência ao carijo, uma das etapas do processo de beneficiamento da folha da erva-mate.

Os primeiros moinhos foram de Artur Schmidt e Otto Dresch. Outro moinho colonial foi construído por Rodolfo Emmel. Seu filho, Norberto Günther Emmel (atualmente com 73 anos) administra os negócios há mais de 50 anos. O moinho funciona a partir de uma complexa engrenagem que canaliza água do arroio Carijo, acionando a turbina hidráulica que, por sua vez, está interligada por correias e polias de diversas bitolas. O moinho produz farinha de milho, canjica (milho quebrado) e descasca arroz. Ele também tem o primeiro secador de grãos a gás e uma moenda de pedra com mais de 80 anos, tudo funcionando normalmente.

As atafonas existiram desde 1909 até a década de 1970, produzindo o polvilho e a farinha de mandioca. A produção dos moinhos e atafonas era vendida para carroceiros e caixeiros viajantes.

Guido Emmel (já falecido), irmão de Norberto, adquiriu a antiga casa de comércio de Miguel Macedo de Campos. Atualmente, a casa é administrada pela viúva Luci Emmel (71 anos) e seus descendentes e mantém as mesmas características dos armazéns de secos e molhados de antigamente.

Até meados da década de 1970, pela estrada do Herval passava todo o movimento de Venâncio Aires em direção a Lajeado e Cruzeiro do Sul. O movimento do porto Mariante em direção às colônias de Palanque, Mato Leitão e Santa Emília, também passava por Herval. A redução do movimento, com a construção das estradas RSC-453 e RST-287, também contribuiu para o êxodo rural e a decadência econômica.

A agricultura mantém-se como a principal fonte de renda dos moradores. O fumo, o milho e o aipim se destacam na paisagem rural, além da erva-mate, que é colhida de dois em dois anos, gerando emprego para diaristas e meeiros, contratados no período da colheita. A localidade dispõe de rede elétrica trifásica, central telefônica e rede hídrica.

SÃO JOÃO

A comunidade São João do Herval formou-se nas margens da estrada que liga Linha Herval



Norberto Emmel com o primeiro secador de grãos a gás de Linha Herval



Casal Nilsa e Arnildo de Mello



Gastão Delavald guarda um telefone a manivela, usado na década de 1960

por Pedro Ribeiro, que é o patrono da sociedade local.

A comunidade atualmente passa por um processo de reconstrução sócio-cultural, após o fechamento da Escola Gonçalves Dias. Na pequena capela São João acontece missa uma vez por mês e a Sociedade Pedro Ribeiro lentamente retoma suas atividades.

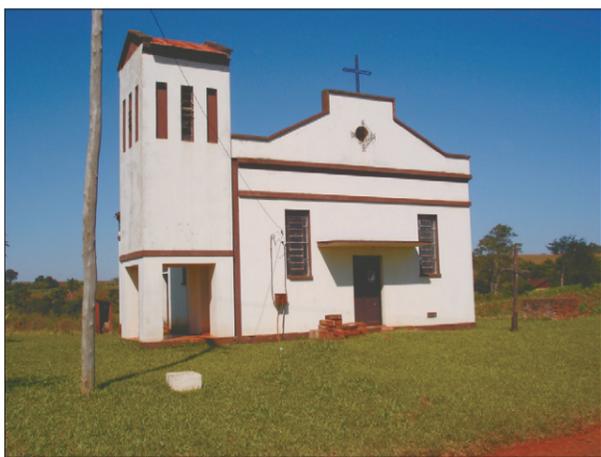
AREAL

O povoado de Areal existe desde 1900. Os primeiros moradores foram Reinaldo Fleck, Eduardo Tessman, Frederico Krug, Amaro Cândido e Alberto Henz. O nome do lugar é uma referência ao tipo de solo, composto por terras arenosas, de cor parda, bem diferente da maior parte das terras de Herval e Palanque. O milho, o feijão e o fumo se destacam nas zonas altas das coxilhas. Na região baixa, nas várzeas do arroios Grande e Castelhanos, planta-se arroz.

A localidade já teve escola, que funcionou na residência de Edgar Rex. No dia 07 de agosto de 1969 foi inaugurada a Escola Municipal José Bonifácio, que funcionou até 09 de maio de 1997.



No dia 09 de outubro de 2007, as professoras reuniram vovós e vovós para contar história da localidade para os alunos



Capela da comunidade católica São João do Herval



Capela da comunidade evangélica luterana, inaugurada em maio de 1965



Capela Santa Luzia, construída em 1958

Os alunos recebem transporte gratuito para estudar na escola de Linha Herval.

Além do êxodo rural, a localidade é atingida pelo trânsito de meeiros e agregados, que trabalham e moram em terras de outros proprietários por alguns anos e depois migram para outra localidade.

CANECA

No início da década de 1990, a prefeitura municipal promoveu o loteamento de terras de Alfredo Krug, para instalar famílias de baixa renda de Linha Herval, composta na maioria por trabalhadores diaristas, peões e safristas. O casal Nildo e Loraci Pereira

foi um dos primeiros beneficiados com terreno onde construíram sua casa. Casados há 49 anos, levam uma vida simples.

Nildo é neto de Venceslau Pereira, um dos primeiros moradores de Linha Herval. Seu avô veio da Bahia e seus ancestrais são ilhéus originários dos Açores. Por influência espanhola, a expressão "ilhéu" foi distorcida e é pronunciada como "iêü", adjetivo pejorativo, que por muitos anos foi usado para identificar pessoas avessas à rotina normal de trabalho.

Apenas uma pequena parte do território de Linha São Salvador pertence ao Herval. A maior parte pertence a Palanque.



Fumo produz bem nas terras arenosas de Linha Areal

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A diretora Dirce dos Santos Fagundes (52 anos), as professoras Rosvita Emmel Martins (43 anos), Marisa Izabel de Mello Faleiro (45 anos), Lucimara Deppler (27 anos), a merendeira Luci Terezinha Paludo (46 anos) e os alunos da EE Miguel Macedo de Campos; a comerciante aposentada Luci Emmel; o agricultor Flávio Soares Leite (59 anos); o casal de comerciantes Norberto e Glicéria Emmel (59 anos); o agricultor aposentado Ivo Armando Rodrigues (75 anos); o casal de agricultores Nildo e Loraci Pereira e Arnildo e Nilsa de Mello; a diarista Eva Ondina da Silva (59 anos); o casal de diaristas Mauro da Silva (33 anos e Adriana Lucimar da Silva (29 anos) e o comerciante Gastão Delavald. Foram utilizadas informações históricas de uma reportagem publicada no jornal Folha do Mate no dia 31 de julho de 1998. Na internet: www.rsvirtual.com.br/herval Livros pesquisados: Abrindo o Baú de Memórias..., do Museu de Venâncio Aires e o livretinho Centenário de Venâncio Aires - 1891-1991, organizado pelo Cemuc.

Comunidade São Francisco, da Travessinha

A comunidade São Francisco é conhecida pela maioria dos moradores e vizinhança como Travessa Baixa ou Travessinha. A origem do nome se deve à construção da estrada que liga Vila Palanque a Venâncio Aires, chamada de Travessa. Não se sabe ao certo quando a estrada foi aberta, mas em 1930 ela já aparecia no mapa de Venâncio Aires.

Em torno desta estrada formaram-se dois povoados: a Linha Alta Travessa (pertence ao 4º Distrito) e a Travessa Baixa ou Travessinha, que pertence ao 6º Distrito. Na década de 30, as duas localidades pertenciam ao 1º distrito.

Foi escolhido o nome da comunidade São Francisco em homenagem a Dário Francisco da Rosa, doador das terras onde hoje se encontram a escola e o pavilhão comunitário.

Desde a década de 1980, a estrada da Travessa é asfaltada a partir da cidade até a Vila Palanque. Por muitas décadas, esta estrada foi a principal via de ligação entre os municípios de Venâncio Aires, Cruzeiro do Sul e Lajeado. Antes da construção da Travessa, o movimento do Porto Mariante ou da cidade em direção a Palanque e vice-versa, passava pela comunidade São Pedro, de Grão Pará, através do Passo Cananéia, mas sempre que dava enchente no arroio Castelhanos o trânsito era interrompido. Na década de 1940 foi construído o aterro do Grão Pará, que se tornou o principal elo de ligação entre a cidade e as colônias da região Norte do município. Na década de 1970 foi construída a rodovia RST-453, que passou a canalizar a maior parte do movimento das antigas estradas.

Na Travessa Baixa não há igreja. O povoado desenvolveu-se em torno da Escola Municipal General Osório, construída na década de 1960. A comunidade São Francisco foi organizada em 1984, durante o movimento das Santas Missões, promovido pela igreja católica.

PIONEIROS

Não há data precisa sobre a chegada dos primeiros moradores, todos de origem portuguesa. Marculino da Silva, Virgínia da Silva e José Ferreira da Rocha estão entre os pioneiros, que chegaram à localidade atraídos pela grande quantidade de ervais nativos e terras muito produtivas. Na época havia índios, conhecidos como bugres, habitando nas redondezas.

Inicialmente, o cavalo e o burro eram os principais meios de transporte. Levava as pessoas e puxava carroças. O trabalho na roça era manual ou com a ajuda da força animal. Atualmente, 146 famílias moram na localidade, que cresce ano a ano. Os moradores mais recentes são oriundos de bairros da cidade, que buscam trabalho na agricultura no período da entressafra das fumageiras, fazendo o processo inverso do êxodo rural.

As celebrações religiosas e festivas são realizadas no pavilhão junto à Escola Municipal General Osório. A primeira escola funcionou junto ao armazém de João Antônio de Borba (Tuca de Borba) por volta de 1946. Mais tarde, por volta de 1951, foi transferida para o salão de Dário da Rosa. Sua esposa, Amália da Rosa, foi a primeira professora. Tinha mais de 50 alunos, fato que motivou a prefeitura a construir um prédio próprio para a escola, perto da casa da professora. Em janeiro de 1963 foi inaugurado o atual prédio da Escola Municipal General Osório.

Em 1985 foi fundada a sociedade de damas Uma Rosa com Amor, com sede no pavilhão escolar, construído ao lado da escola. As sócias se reúnem uma vez por mês, onde praticam o jogo do bolãozinho de mesa. A escola também possui uma quadra esportiva ao ar livre, que é muito usada para diversão e prática de esportes para os alunos e jovens da vizinhança.



Prédio da EM General Osório, tendo ao fundo o pavilhão comunitário

A E.M. General Osório encerrou o ano letivo de 2007 com aproximadamente 40 alunos, de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental de 8 anos e do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de 9 anos, que está sendo implantado gradativamente. O prédio possui duas salas de aula, cozinha e secretaria. As professoras são Ângela Maria Stertz (diretora), Rosane Maria Coutinho e Marisa Izabel de Mello Faleiro.

ECONOMIA

Os antigos índios já dominavam o conhecimento sobre a erva-mate antes da chegada dos primeiros imigrantes luso-afro-brasileiros. Até hoje, a erva-mate é a principal fonte de renda da localidade, em função do tipo de terreno (barro vermelho) e do relevo, formado basicamente por coxilhas, isto é, pequenas elevações que permitem o cultivo mecanizado. A erva-mate permite o cultivo consorciado com outras culturas, como fumo, milho, aipim e amendoim.

Além da erva-mate, o milho, o aipim e o fumo são cultivados em escala comercial. Verduras, feijão e azeitonas para criação de peixes e demais culturas de subsistência também fazem parte da paisagem rural. Até a década de 1980 plantava-se arroz e soja. Além da agricultura, os moradores incrementam sua renda trabalhando como safristas nas fumageiras da cidade, ou na Indústria do Mate, atualmente a principal indústria ervateira da região do barro vermelho.

A casa comercial mais tradicional pertenceu a Cilistrino Guterres de Carvalho. Inaugurada na década de 1940, anos mais tarde vendeu para Cândido de Carvalho, depois foi vendida para João Antônio de Borba, que teve esta casa comercial durante muitos anos. Quando faleceu, os herdeiros não quiseram continuar os negócios. Atualmente, a casa comercial mais tradicional é o armazém de Deni da Silva.

DIVERSÕES

Antigamente o lazer era raro, com poucas opções: carreiras de cavalo, jogos de carta (nove, sete baianos), as mulheres se reuniam e cantavam.

Os bailes aconteciam nas casas das famílias, animados com uma gaita e isto acontecia no máximo duas vezes por ano, mas durava a noite toda, até clarear o dia. Candeeiros a querosene iluminavam os quatro cantos da sala.

Em função do fácil acesso e das vias asfaltadas, a localidade vê sua população aumentar, devido ao movimento contrário ao êxodo rural,



Professoras e alunos da EM General Osório que participaram da pesquisa em 2007



Terra preparada para cultivo no meio do erval

isto é, a maior parte das famílias é composta por trabalhadores empregados. A falta de incentivo à agricultura está tornando a colônia cada vez mais pobre e os casais mais jovens preferem trabalhar na cidade, mas continuam morando na localidade.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

As professoras e alunos da EM General Osório em 2007. Também foram utilizadas informações de uma pesquisa histórica realizada pela Secretaria Municipal de Educação em 1999.

Suas roupas,
sem manchas
e cheias de vida.
Sejam elas brancas
ou coloridas.



Manchas difíceis em roupas coloridas não são mais um problema. O Alvejante Sem Cloro Brasclin traz o poder de limpeza que você quer, com aquele cuidado especial que a cor das suas roupas precisa. Experimente. Você nunca viu as cores das suas roupas assim.